

O ENSINO DE FILOSOFIA: A SUPERÇÃO DOS MANUAIS E A INSERÇÃO DOS CLÁSSICOS

Geovana Barros de Souza ¹

RESUMO

Quando dialogamos sobre o futuro da escola, o repensar de políticas e de práticas ali desenvolvidas, automaticamente, podemos colocar o ensino de filosofia em questão. Partiremos do pressuposto teórico-metodológico o qual trata da realidade como um resultado de ação ou ações dos sujeitos sociais ao longo de sua história. Inspirados, na categoria da Organização do Trabalho Didático, desenvolvida pelo professor Gilberto Luiz Alves, ao analisar as características da escola pública contemporânea, percebemos que o ensino de filosofia, dada em sua maioria no ensino médio público do país, ainda segue a metodologia desenvolvida pelo autor moderno João Amós Comênio (1592-1670) ao revolucionar a escola em sua época. A maioria dos docentes, planejam e conduzem suas aulas a partir do que é posto e dado pelos manuais didáticos escolhidos pelas escolas. Tal como, Comenius desenvolvia em sua época. Isso, provavelmente, acontece por motivos de: defasada proposta dos cursos de licenciaturas, falta de tempo para planejamento e aplicação das aulas, insistência no ensino tradicional, àquele mecânico de reprodução de conhecimentos prontos. Porém, o ensino de filosofia necessita de uma abordagem mais crítica, voltada ao debate, fazendo jus as suas raízes emancipatórias. É pensando nisso, que propomos uma superação do uso excessivo dos manuais didáticos através da utilização de excertos dos originais textos clássicos da filosofia. Ao analisar historicamente o ensino de filosofia, dentro do contexto dos currículos antigos e atuais do Brasil, percebemos não somente uma defasagem com relação a sua presença, mas também, uma desvalorização da disciplina e da potencialidade que ela pode promover na vida dos jovens estudantes. Visto isso, para que a proposta possa realmente acontecer dentro das escolas, seria necessária uma formação de professores, consistente e capaz de superar os grilhões que estagnam o processo de ensino-aprendizagem nesta disciplina.

Palavras-chave: Ensino de Filosofia, Organização do Trabalho Didático, Manuais Didáticos, Textos Clássicos Filosóficos.

INTRODUÇÃO

Ao nos defrontarmos com a temática do repensar políticas públicas da educação nacional, principalmente depois de enfrentarmos uma pandemia mundial, o ensino de filosofia é capaz de se destacar facilmente.

A partir da metodologia marxista da Ciência da História, que visualiza nossa realidade como o resultado da dialética da história vivida, que visualizamos essa problemática. À luz dos estudos da categoria da Organização do Trabalho Didático desenvolvida pelo professor Gilberto Luiz Alves, observando o decorrer que a didática escolar ao longo da história, nos propusemos observar como se dá atualmente o ensino de Filosofia.

Optamos pela análise qualitativa, por acreditarmos que a leitura de dados quantitativos, em nosso caso, não seja o suficiente para entendermos como se dá nossa escola atualmente. A

¹ Mestranda do Curso de **Mestrado Profissional** da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - UEMS, 06069011163@academicos.uems.br.



análise bibliográfica histórica, nos permite compreender as raízes de nossa organização do trabalho didático atual.

Alves (2005) desenvolve a categoria Organização do Trabalho Didático a partir de três frentes: a relação educacional entre docente e discente, a instrumentalização dessa relação e o espaço físico onde ocorre essa relação. Nosso foco, nessa pesquisa, se dá a partir da segunda frente, a instrumentalização da relação professor/estudante, ou seja, como se dá o trabalho didático.

Ao discorrer sobre as diferentes formas que a didática se mostrou ao longo dos anos, Alves (2005) chega a didática comeniana, desenvolvida frente as problemáticas enfrentadas pela escola da época. Ao fazermos uma análise dessa didática com a nossa atual, percebemos que reproduzimos quase que fielmente a organização didática de Comenius, principalmente pelo nosso uso excessivo de manuais didáticos.

Temos a concepção de que a disciplina de Filosofia, pode e deve desenvolver o processo de ensino-aprendizado a partir de metodologias capazes de capacitar nossos estudantes e aguçar seu senso crítico e emancipatório.

Dentro desse contexto, propusemos um grupo de trabalho para estudos de textos clássicos reunindo professores da educação básica, a prática do ensino propriamente dita, e os professores da universidade, aqueles que se dedicam ao teórico. Unidos, pode-se promover a reflexão sobre a necessidade do desenvolvimento de metodologias para o ensino de filosofia em nossas escolas.

METODOLOGIA

Nosso caminho metodológico se dá a partir da análise de estudos bibliográficos. Decidimos focar na leitura e interpretação de obras, consideradas clássicas, como a Didática Magna de Comenius e Organização do Trabalho Didático: formas históricas, do professor Gilberto Luiz Alves, afim de fazer um paralelo com a realidade que enfrentamos hoje nas escolas. Para sermos fiéis ao referencial teórico, partindo da perspectiva marxista, cremos que analisar a bibliografia escolhida nos permite a compreensão do que é e como se dá a escola de hoje.

A pesquisa se caracteriza como uma análise qualitativa, ou seja, não se detém a análise e tradução de dados quantificados. Se desenvolve, por sua vez, a partir e através da temática do Grupo de Trabalho, História da Educação, por se basear, principalmente, no percurso histórico,



o qual a educação já percorreu. Consideramos que, nossa pesquisa se enquadra no caráter de pesquisa bibliográfica por fazermos o levantamento e a revisão de obras publicados sobre nossa temática de referência.

REFERENCIAL TEÓRICO

A temática desenvolvida pela pesquisa se dá a partir da perspectiva marxista da Ciência da História. Na fala de Marx & Engels:

Conhecemos uma única ciência, a ciência da história. A história pode ser examinada de dois lados, dividida em história da natureza e história dos homens. Os dois lados não podem, no entanto, ser separados; enquanto existirem homens, história da natureza e história dos homens se condicionarão reciprocamente. A história da natureza, a assim chamada ciência natural, não nos diz respeito aqui; mas, quanto à história dos homens, será preciso examiná-la, pois quase toda a ideologia se reduz ou a uma concepção distorcida dessa história ou a uma abstração total dela. A ideologia, ela mesma, é apenas um dos lados dessa história. (MARX, 1986, p. 86)

Isso quer dizer que, trataremos daqui a história como o resultado de ações da humanidade. Ou seja, as ações humanas no passado que desenvolveram nossa realidade presente. Tal como, nossa realidade desenvolverá o decorrer da história que virá. Isso nos diz muito sobre como aprendemos com o passado lições que interferem, não somente, em nosso presente, como na realidade futura. A história aqui, em nossa percepção, age de maneira dialética, sempre a superar as teses propostas fixadas em antíteses transformadoras. A realidade como superação de uma realidade anterior.

Dentro dessa mesma perspectiva histórico-social, utilizamos os estudos da categoria criada pelo professor Gilberto Luiz Alves, a Organização do Trabalho Didático.

Essa categoria, nos permite identificar as variações conceituais existentes dentro do trabalho escolar. Alves (2005) a define da seguinte maneira:

No plano mais genérico e abstrato, qualquer forma histórica de organização do trabalho didático envolve, sistematicamente, **três aspectos**:

- a) ela é, sempre, uma **relação educativa** que coloca, frente a frente, uma **forma histórica de educador**, de um lado, e uma **forma histórica de educando(s)**, de outro;
- b) realiza-se com a **mediação** de recursos didáticos, envolvendo os procedimentos técnicos-pedagógicos do educador, as tecnologias educacionais pertinentes e os conteúdos programados para servir ao processo de transmissão do conhecimento;
- c) e implica um **espaço físico** com características peculiares, onde ocorre. (ALVES, 2005, p. 10-11, grifos nossos).

A organização do trabalho didático, segundo Alves (2005) se dá a partir dessas três características. O encontro e a relação de duas formas históricas, o docente e o discente, as

maneiras como essa relação acontece, além do espaço com suas características onde essa relação acontece.

A temática tratada pela presente pesquisa, se detém a essa segunda característica desenvolvida pela Organização do Trabalho Didático, “a mediação de recursos didáticos, envolvendo procedimentos técnico-pedagógicos do educador, as tecnologias educacionais pertinentes e os conteúdos programados para servir ao processo de transmissão”. Melhor dizendo, tratamos aqui, dos meios didáticos utilizados pelos docentes para o ensino da disciplina de Filosofia, mais especificamente, o manual didático e os livros clássicos filosóficos.

Alves (2005), através de sua obra, nos permite analisar o trabalho didático desenvolvido nas instituições de ensino a partir da perspectiva das diferentes sociedades. Nos mostra claramente, o agir de superação desenvolvido pela história ao longo dos anos, no contexto escolar.

Em sua obra *Organização do Trabalho Didático: formas históricas* (2005), Alves faz uma retrospectiva das diferentes formas históricas que a didática incorporou. Voltando desde a época do ensino jesuítico, ele nos mostra a ligação entre as formas de produção e a didática dentro das instituições de ensino.

O autor parte da educação desenvolvida pelos jesuítas, fazendo uma análise rica em detalhes. Disserta sobre as mudanças dadas pelas reformas pombalinas, momento em que as transformações na área educativa começam a aparecer com força e transformação, principalmente no que condiz a instrumentalização da relação educacional, mestre e aluno:

Denotam o **surgimento e o emprego** de textos especializados no trabalho didático os **novos termos** que passaram a identificá-los. São diversas as recomendações de *compêndios* e *resumos* nos “Estatutos”. Vale lembrar que *compêndio* deriva do termo latino *compendium* e significa “resumo, síntese”, bem como “livro de texto para escolas”. O termo *compendiar* ajuda a esclarecer seu conteúdo ao descrever o que significa “fazer um compêndio”: “juntar num só volume textos ou documentos com o objetivo de organizar e sintetizar” (ACADEMIA..., 2001, p. 886). Logo, ambos os termos, compêndio e resumo, podem ser tomados como sinônimos. (ALVES, 2015, p. 20-21).

Nesse momento, percebemos que, os alunos, não bebem somente da água dos textos clássicos. Passe-se a se utilizar pequenos resumos, com caráter comentador, com excertos de obras nos mais variados estudos.

A grande transformação no âmbito da organização do trabalho didático é dada graças a fâsca gerada por aquilo que conhecemos como Reforma Protestante. Uma forte característica dessa Reforma se dá a partir da necessidade nascente de ser ler e interpretar os textos bíblicos por si só. Ou seja, os indivíduos não dependeriam mais somente da igreja para sua aproximação com Deus, poderiam eles agora, desenvolver suas opiniões e pensamentos sobre o que as



escrituras traziam. Isso, faz com que, grande parte da população procure o letramento, para que fossem capazes de desenvolver suas interpretações e aproximar-se do divino.

Quando observamos esse fenômeno social da perspectiva das instituições de ensino, nos deparamos com uma espécie de sobrecarga. Tanto as instituições, quanto os mestres se veem com um quantitativo de alunos muito maior do que o costumeiro.

Com essa revolução acontecendo dentro do âmbito escolar, a maneira em que as instituições escolares dessa época se organizavam, não conseguia mais alcançar os objetivos pedagógicos, assim, houve a necessidade de mudanças estruturais.

Jan Amos Comenius (1592-1670) foi a figura principal das mudanças que viriam a ocorrer. Ao se deparar com as novas necessidades educacionais, Comenius desenvolve uma obra intitulada como “Didática Magna”. Nessa obra, o autor propõe-se a ensinar tudo a todos, trazendo resoluções amplas para as problemáticas enfrentadas.

A proposta de Comenius, desenvolvia salas distribuindo os alunos de forma seriada, de acordo com seu nível cognitivo. Porém, não haviam mestres o suficiente, nem material para que essa educação de fato acontecesse.

Dessa forma, ele propõe a construção e utilização de materiais, contendo resumos simples e prontos, dos mais variados assuntos. Esses materiais, seriam aquilo que conhecemos hoje como os manuais didáticos. Eles eram capazes de instrumentalizar os indivíduos para que fossem capazes de transmitir o conhecimento de forma simplificada e rápida, realizando assim, aquilo que almejou, educar muitos de maneira rápida e eficaz, além de baratear os custos da educação.

Observamos que, a proposta comeniana de ensino, muito se assemelha a organização desenvolvida dentro das manufaturas. Ou seja, não havia mais um mestre detentor de todo conhecimento, mas sim, diferentes indivíduos, cada qual com suas funções, simplificando e especialização o processo de produção.

Assim se dava a educação a partir de Comenius. Uma educação simplificada, fragmentada, especializada, porém, eficiente e capaz de superar os problemas que vinham se inflamando no âmbito educacional. Ou seja, esse modelo era necessário para a época em questão.

O que vemos hoje, na maioria das escolas, é a educação manufatureira inaugurada por Comenius. Uma educação especializada, fechada em caixas, com alto teor de fragmentação, distribuída em conteúdos e disciplinas, fazendo com que cada profissional se especialize única e exclusivamente em determinado recorte.



Além disso, percebemos a utilização excessivo dos manuais didáticos, os quais, muitas vezes, balizam todo o processo de ensino-aprendizagem desenvolvido nas escolas. Mas, ora, será que a educação comeniana ainda tem espaço em nossas escolas frente as revoluções materiais e tecnológicas que vivenciamos?

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Passemos a observar essa problemática do ponto de vista do ensino da disciplina de Filosofia. Será que, a sociedade já não possui as ferramentas necessárias para que os manuais didáticos se tornem apenas instrumentos para os professores e estudantes?

O que vemos hoje dentro dos manuais didáticos são textos, em forma de resumos, contendo sempre a opinião daquele que foi responsável por sua escrita, tornando a transmissão do conhecimento fragmentada e longe de alcançar a compreensão da totalidade da sociedade.

A utilização de obras clássicas da Filosofia dentro do ensino da disciplina se faz necessária. Essas obras possibilitariam aos estudantes o aguçamento de suas noções históricas e críticas, pois compreenderiam a dialética da história. Essas obras refletem o desenvolver das sociedades e da humanidade de maneira ampla.

O texto clássico é carregado do contexto histórico-social do autor, ou seja, os filósofos escreveram aquilo que condizia com a sua realidade e seus enfrentamentos. O conhecimento transmitido por essas obras é capaz de levar esses estudantes a perceberem que as problemáticas sociais vividas atualmente, muitas vezes, foram contextualizadas e desenvolvidas em uma outra sociedade, em uma outra época. As obras clássicas filosóficas têm o poder, quando bem utilizadas, de desenvolver uma abstração no estudante, a qual ele consegue se ver dentro de problemáticas do passado. Esse movimento pode acarretar em um estímulo ao senso crítico que, conseqüentemente, ao seu papel social como cidadão.

Um ponto importante a ser observado dentro desse contexto, é a maneira pela qual os nossos professores foram formados. É claro que, um profissional formado dentro da estrutura da educação manufatureira, dificilmente será capaz de ensinar de maneira diferente.

É por isso que, precisamos, antes de qualquer coisa, dar um passo para trás e ver esse problema da perspectiva da necessidade da formação de professores. Desenvolver estudos e debates para que possamos inovar do ponto de vista das metodologias e didáticas do ensino da Filosofia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



Visto todos os questionamentos e hipóteses levantadas anteriormente, propomos aqui não somente a reflexão quanto as metodologias hoje utilizadas para o ensino de Filosofia, mas também uma ação frente a essa problemática.

Queremos que, essa ação se dê de maneira coerente com a realidade das escolas brasileiras. Hoje vemos, professores sem tempo para planejar suas aulas, sem tempo para se desenvolver academicamente, isso não pode ser ignorado.

Por isso, a sugestão que levantamos é um início. Início de estudos e discussões com professores que atuam junto a Filosofia nas escolas públicas brasileiras. Ouvir àqueles que enfrentam a problemática de frente, deve ser o primeiro passo para que possamos encontrar caminhos para mudanças em nossa didática atual.

Propomos aqui, um passo inicial, a formação de grupo de estudos, afim de ler, estudar e debater os textos clássicos filosóficos, unindo professores da educação básica e professores pesquisadores das universidades, a prática e a teoria no debate.

Acreditamos que, um grupo de estudos unindo a teoria das universidades e a prática daqueles que vivem a escola e o ensino de filosofia na educação básica, se mostraria eficiente, pelo menos na perspectiva do caminho para o desenvolvimento de novas metodologias.

Claro que aqui, não defendemos a abolição dos manuais didáticos, por ser, principalmente para os estudantes de baixa renda, o único instrumentos educacional de apoio. Mas acreditamos, no aperfeiçoamento desses manuais, onde eles possam trazer conhecimentos conectados entre si e com a realidade de nossas escolas e estudantes.

Também defendemos um ensino de Filosofia que envolva mais de uma metodologia, principalmente aquelas que condizem com a leitura e interpretação das obras clássicas, para que nossos estudantes sejam letrados nelas e capazes de as compreender.

Mas, o vislumbre dessa realidade só pode se iniciar pela formação de nossos profissionais. Quando nossos professores forem capazes de visualizar as diversas possibilidades de metodologias, aí sim poderemos caminhar para a superação da didática inaugurada por Comenius.

REFERÊNCIAS

ALVES, Gilberto Luiz. **O Trabalho Didático na Escola Moderna: Formas Históricas.** Campinas: Autores Associados, 2005b.

COMENIO, Iohannis Amos. **Didactica Magna:** tratado da arte universal de ensinar tudo a todos. Tradução de Joaquim Ferreira Gomes. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.



MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã: (I-Feuerbach)**. 5 ed. São Paulo: HUCITEC, 1986.